

**VISÃO DE MUNDO E ENUNCIÇÃO:
SOBRE A PASSAGEM DO *INFANS* A SER FALANTE**

WORLD VIEW AND ENUNCIATION:
ON THE PASSAGE FROM *INFANS* TO SPEAKER

Valdir do Nascimento Flores
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
valdirnf@yahoo.com.br
0000-0003-2676-3834

Resumo

Busca-se neste artigo apresentar as bases de uma perspectiva antropológico-enunciativa de estudo da passagem da criança da condição de *infans* a falante. Para tanto, elabora-se o seguinte percurso: propõe-se o deslocamento da ideia de *aquisição de linguagem* para a de *aquisição de língua*, considera-se, assim, que os dados de análise não estão a serviço da explicação da capacidade de linguagem, mas evidenciam a restrição implicada na aquisição de uma dada língua (Jakobson, 1969); em seguida, a partir de Humboldt ([1820] 2000) e Benveniste (1988 e 1989), elabora-se a ideia de que falar uma língua decorre de operação que impõe à criança falar certa *visão de mundo*; finalmente, a partir de etnografia (Cohn 2000a e 2000b) sobre a infância do povo Xikrin, subgrupo Kayapó, de língua Jê, habitante do sudoeste do Pará, Brasil, propõe-se as linhas gerais de uma investigação que entende o processo de aquisição de uma língua como aquisição do universo dessa língua.

Palavras-chave: antropologia da enunciação, aquisição de língua, enunciação, interação, povo Xikrin (Kayapó), visão de mundo

Abstract

This article seeks to present the bases of an anthropological-enunciative perspective of the study of the child's passage from the condition of *infans* to speaker. To this end, the following course is pursued: a shift from the idea of *language acquisition* to that of *acquisition of a particular language* is proposed, so that the analysis of data is not to meant to be directed to explain the language capacity, but for showing the restrictions proper of acquiring a given language (Jakobson 1969). Subsequently, based on Humboldt ([1820] 2000) and Benveniste (1988 e 1989), the idea is developed that speaking a language requires the child to speak-and-adopt a certain *world view*.

Finally, on the basis of ethnographic studies (Cohn 2000a e 2000b) of childhood among the Kayapó –subgroup of the Xikrin people, whose language is Jê–, inhabitants of the southwestern area of the state of Pará (Brazil), the general outline is presented of a research that understands the process of acquiring a given language as the acquisition of the world view of this language.

Keywords: anthropology of enunciation, enunciation, interaction, language acquisition, Xikrin (Kayapó), world view

Recebido: 03/03/2018

Aceito: 21/03/2019

Il n'y a pas de sens anthropologique à dissocier l'homme du langage –donc l'anthropologie aussi, de la théorie du langage.

Henri Meschonnic. *Critique du Rythme*, p. 136.

1. Introdução: formulando a reflexão

Entre 1940 e 1942, Roman Jakobson publicou, em forma de opúsculo, um conjunto de trabalhos conhecido sob o título *Linguagem infantil, afasia e universais fonológicos*, escrito originalmente entre 1939 e 1941 em alemão, durante seu exílio em Oslo e em Estocolmo.

Esse trabalho recebeu notoriedade em seu tempo, tanto pela originalidade das relações preconizadas –já em seu título– quanto pelas teses que formula. As posições assumidas por Jakobson com respeito, em especial, à aquisição da linguagem e à afasia –separadamente e/ou em relação– são polêmicas e nem sempre de fácil compreensão, se pensadas fora do contexto em que foram gestadas. Cabe lembrar, aqui, a título de exemplo, a tão debatida hipótese de inversão entre uma suposta ordem da aquisição da linguagem e a sua dissolução na afasia.

Como não se desconhece a polêmica em torno das teses de Jakobson, o interesse pontual aqui, ao lembrar esse trabalho, diz respeito ao fato de, nele, Jakobson apresentar o que viria a ser conhecido –posteriormente e a revelia de Jakobson, é importante dizer– como “hipótese da descontinuidade”. Vale retomar sinteticamente o raciocínio do autor.

O cerne da reflexão do linguista é que a criança, no balbucio, poderia produzir articulações estranhas a uma dada língua e até mesmo a um grupo de línguas: há “consoantes com uma grande variação de pontos de articulação, palatais, arredondadas, sibilantes, africadas, clics, vogais complexas, ditongos, etc.” (Jakobson 1972: 21). No entanto, a passagem da fase do balbucio (considerado pré-linguístico, por Jakobson) à fase em que realmente o som passa a ter um valor fonêmico (considerado linguístico, por Jakobson) é marcada por grande perda da habilidade de produzir sons.

A criança, então, deixaria de ser um *poliglota*, do ponto de vista articulatório, para começar a ser o falante de uma dada língua, ao menos do ponto de vista fonológico. A criança passaria, dessa maneira, a ter de reconhecer as oposições fonológicas e, mais adiante, as consequentes diferenciações que têm no significado das palavras, bem como passaria a ter a capacidade de guardá-las na memória para reproduzi-las. A partir disso, conforme Jakobson, encontra-se em formação um sistema fonêmico rigorosamente regulado por leis estruturais.

Nessa passagem da fase pré-linguística à linguística se verificaria, segundo alguns leitores de Jakobson, a dita *descontinuidade*. Não é objetivo aqui discutir a pertinência, ou não, em derivar do raciocínio do autor uma “hipótese da descontinuidade”. Quanto a isso, importa lembrar que há autores que retomam com muita propriedade o tema, argumentando a pertinência, ou não, dessa interpretação sobre a teoria de Jakobson (cf. Scarpa 2005, Silva 2007, e Brum-de-Paula e Ferreira-Gonçalves 2008).

O interesse, porém, em retomar, em linhas gerais, o trabalho de Jakobson deve-se a uma espécie de conclusão formulada, com base nessa descoberta de Jakobson, pelo ensaísta canadense Daniel Heller-Roazen. Segundo o ensaísta, é devido ao desaparecimento do balbucio que nascem *uma* língua e *um* falante. Em sua concepção, decorre do raciocínio de Jakobson que a criança, para se tornar um “falante nativo” de uma língua dada, precisa deixar de utilizar muitas das consoantes e vogais que emitia antes. Logo, seria natural que, ao abandonar os sons não pertencentes à língua que está adquirindo, a criança se esquecesse de como são produzidos. Nas palavras do autor:

Talvez o bebê deva esquecer a série infinita de sons que outrora produzia no “ápice do balbucio” para conseguir dominar o sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza uma língua determinada. Talvez a perda de um arsenal fonético ilimitado seja o preço que a criança deve pagar para obter os documentos que concedem cidadania na comunidade de uma língua específica (Heller-Roazen 2010: 9).

O que Heller-Roazen destaca, assim, é que a passagem do balbucio às primeiras palavras –independentemente de ser vista, ou não, como *descontinuidade*– é marcada por uma necessária redução. Afinal, “quando a criança começa a falar uma língua única, ela obviamente não tem o que fazer com todas as consoantes e vogais que emitia antes” (Heller-Roazen 2010: 8).

A interpretação de Heller-Roazen –em um primeiro momento restrita ao sistema fonológico da língua– pode ser generalizada de forma a abranger os demais níveis da análise linguística. Em outras palavras, não é plausível que se admita que a passagem do balbucio ao sistema fonológico de uma língua se dê de maneira isolada, restrita à fonologia. Certamente, ela se faz acompanhar do sistema linguístico no qual as unidades fonológicas tenham sentido.

Essa conclusão encontra respaldo no princípio da dupla articulação das línguas no mundo (cf. Martinet 1978): sendo a primeira articulação a que segmenta as unidades em unidades significativas –“monemas” na terminologia de Martinet–, e a segunda articulação a que se constitui de unidades menores,

os fonemas, limitados a cada língua específica, admite-se concluir que somente é possível existir segunda articulação relativamente à primeira.

Logo, a hipótese de uma necessária redução constatada entre o balbucio e a aquisição do sistema fonológico, formulada por Heller-Roazen, inclui o conjunto do sistema linguístico de uma língua e não apenas o fonológico.

Essa generalização permite considerar que a passagem do balbucio às oposições fonológicas pertencentes a um dado sistema linguístico evidencia que o que a criança adquire não é a linguagem *per se*, mas uma dada língua. Ao abrir mão de uma potencialidade aparentemente desmedida de articulação fônica para entrar no mundo específico de uma língua, a criança, ao atestar que o excesso articulatório do balbucio é inoperante em uma língua específica, coloca em evidência que a língua materna, antes de qualquer coisa, restringe, e isso não apenas na fonologia, mas em todos os níveis da língua.

Se se admite essa interpretação, não interessaria mais, desse ponto de vista, verificar o que “o tornar-se” falante de uma língua diz do *como* essas línguas são adquiridas ou aprendidas; não interessaria mais olhar para o uso produtivo de uma língua feito por uma criança na sua relação com alguma capacidade inata (seja a de formar associações entre estímulos, seja a de acionar um dispositivo gramatical inato, seja a de um processamento mental). O uso da língua pela criança deixaria de ser a evidência de uma capacidade. Em outras palavras, os dados de análise de uma dada língua não estariam, então, a serviço da explicação da capacidade da linguagem, uma vez que, desse ponto de vista, não se adquiriria linguagem, mas língua.

Importa considerar, no entanto, que a interpretação aqui apresentada – uma espécie de hipótese – não ignora que o estudo descritivo do dito “processo de aquisição de uma língua” permite relacionar língua e linguagem, ou faculdade de linguagem, de maneira complexa, para dar respostas, ao menos parciais, a questões importantes, tais como: a existência ou não de um período crítico para a aquisição; a relação entre produção e percepção; a existência ou não de hierarquia de componentes na aquisição, entre outros. Além disso, não ignora que a faculdade da linguagem pode ser entendida como um sistema complexo da mente/cérebro que permite a aquisição da língua cuja representação, em seu estágio inicial, poderia receber a forma de uma gramática universal, mas coloca o foco em outro ponto.

Considerado o raciocínio aqui exposto a partir da interpretação de Heller-Roazen acerca do trabalho de Jakobson, a questão da passagem da criança de *infans* a falante deixa de estar atrelada à discussão de aspectos geralmente abrigados em reflexões de caráter inatista, conexionista ou mesmo da relação pensamento/linguagem em geral e passaria a encontrar espaço em estudos de outra natureza, que incluíssem a diversidade das línguas.

2. Da diversidade das línguas ao mundo particular de uma língua

Para fundamentar melhor a interpretação feita acima, gostaria de retomar uma afirmação de George Steiner, presente no livro *Depois de Babel*. Diz ele:

Talvez não devamos considerar, nem do ponto de vista da forma nem do conteúdo, coerentes, susceptíveis de verificação ou de refutação, qualquer modelo de comportamento verbal ou qualquer teoria da gênese e da aquisição da linguagem, que não reconheçam como decisiva a questão da multiplicidade e variedade assombrosas das línguas faladas no nosso planeta demasiado povoado (Steiner 2002: 78).

Chama a atenção nas considerações de Steiner um aparente paradoxo: o fenômeno da aquisição da linguagem, que evoca uma ideia de universalidade – já que é da condição do homem que venha a se tornar falante– não poderia ser seriamente abordado, segundo ele, se não se levasse em conta a diversidade das línguas –já que é “facultado” ao homem de qual língua se tornará falante–. Esse paradoxo –universalidade da aquisição *versus* diversidade das línguas– coloca em destaque, ainda, um terceiro elemento: o *falante*. É próprio ao homem que ele fale (universal) uma ou mais línguas (diversidade) à sua maneira (singularidade).

A partir disso, questiona-se: como tratar a aquisição da linguagem –um fenômeno universal– frente ao fato de que o homem adquire uma, ou mesmo mais de uma, das cerca de 6.000 línguas existentes no mundo? Essa indagação não é inédita na literatura especializada e admite muitas respostas. A mais célebre, sem dúvida, induz a certa visão unificadora, universalista, à moda de uma gramática universal. No entanto, o que o estudo de Jakobson atesta é que a dita língua materna impõe restrições ao falante que são próprias à sua própria configuração enquanto língua. Cada língua impõe restrições que são, na verdade, um *mundo particular*, ao qual o infante deve ter acesso para poder falá-la.

Para explicar melhor essa ideia de “mundo particular”, é importante retomar duas ideias de Benveniste, resumidamente apresentadas em uma entrevista dada em 1968. Diz ele:

E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a **língua** os rudimentos de uma cultura. [...] *o que a criança adquire, aprendendo, como se diz, a falar, é o mundo no qual ela vive na realidade, que a linguagem lhe dá e sobre o qual ela aprende a agir* (Benveniste 1989: 23-24) [grifos meus].

É importante deter-se em alguns pontos da reflexão de Benveniste.

Para ele, a criança “aprende uma língua”, “aprende a falar” e, assim, “adquire [...] o mundo no qual ela vive na realidade”. Benveniste desloca a questão da aquisição do âmbito da linguagem para o âmbito das línguas. Para Benveniste, a criança ao aprender a falar, adquire com a língua um mundo, uma cultura. Segundo ele a aquisição é, primeiramente, de um mundo e não de estruturas linguísticas. Benveniste não relaciona, portanto, a aquisição da língua nem a uma faculdade inata, nem a aspectos cognitivos, nem a aspectos mentais. Para o autor o que a criança adquire é o *mundo*, um mundo específico, via língua.

Pensar que há um “mundo” que se apresenta via língua é uma ideia muito próxima do que propõe Wilhelm von Humboldt, no início do século XIX, quando apresenta a noção de “visão de mundo”. Esse conceito da antropologia linguística humboldtiana é suficientemente complexo para não se deixar esgotar em poucas palavras. Porém, vale lembrar, ao menos, uma passagem do que coloca Humboldt, na Academia de Berlin, em seu discurso *Sobre o estudo comparativo das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento das línguas*, de 29 de junho de 1820, citado aqui a partir da tradução de Denis Thouard para o francês:

[...] as línguas não são, propriamente falando, meios para apresentar uma verdade já conhecida, mas, ao contrário, para descobrir uma verdade antes desconhecida. Sua diversidade não é uma diversidade de sons e de signos, mas uma diversidade de visão de mundo (Humboldt [1820] 2000: 101. A tradução em português e minha).

Assim, para Humboldt, cada língua teria uma maneira de organizar o mundo, de apreendê-lo, de representá-lo, o que o torna, nela, na língua, um mundo específico.

Sobre esse recurso que faço a Humboldt, cabem alguns esclarecimentos: é muito comum, na linguística geral, associar-se o pensamento de Humboldt ao que se convencionou chamar de “relativismo linguístico”, ligado à formulação da conhecida “hipótese Sapir-Whorf”. Embora entrar nessas discussões epistemológicas pormenorizadas possa desviar o foco do presente trabalho, é importante apenas ressaltar que, hoje em dia, é discutível, de um lado, a interpretação de que Humboldt teria dado origem a algum relativismo linguístico.

Contra isso se manifesta toda a literatura especializada sobre Humboldt da atualidade. Por exemplo, Meschonnic (1995), Trabandt (1992), Chabrolle-Cerretini (2007), Thouard (2016). É bem verdade que parte das ideias de Humboldt serviu de inspiração não apenas aos trabalhos de Sapir e de Whorf como também para os estudos de muitos outros linguistas no mundo. Isso não implica forçar uma linha direta de influência a ponto de atribuir a Humboldt ideias que não são suas. Nenhum autor da contemporaneidade incorporou integralmente as ideias de Humboldt. Há, no máximo, referências (muitas vezes, esparsas) que, sem dúvida delineiam uma possibilidade de presença neohumboldtiana. Em outras palavras, admite-se que Humboldt pode estar contido na ideia geral do dito “relativismo linguístico”, mas isso não faz dele um relativista.

De outro lado, e de igual importância ao que foi dito antes, é fato que a história das ideias linguísticas já provou que Sapir e Whorf não formularam a dita “hipótese” que lhes é atribuída. Em Moura e Cambrussi (2018), há uma exposição clara sobre Sapir e Whorf, sua relação com o relativismo linguístico e com o determinismo linguístico. Os autores, ao ressaltarem a inexistência, propriamente dita, da formulação da “hipótese”, apresentam essa discussão em um contexto atual em que se encontram a crítica de Pinker (2002) no livro

O instinto da linguagem e a polêmica em torno da língua *pirahã* trazida por Everett (2012).¹

Assim, recorrer às ideias humboldtiana aqui não implica falar sobre o mundo, nem produzir um discurso interpretativo sobre o mundo; também não significa ter uma concepção de mundo. Quando Humboldt afirma que cada língua propõe uma visão de mundo, ele quer dizer que cada língua, entendida como um todo organizado em partes que precisa ser apreendido como *energeia* –uma atividade se fazendo–, é constituída por uma tomada particular do mundo. A análise que decorreria disso seria, simultaneamente, da estrutura, do *organismo da língua*, e do uso vivo do discurso, o *caractere*; uma análise global e analítica da língua, portanto.

Em termos de síntese, podemos dizer que este trabalho parte da *fenomenologia da fala da criança* –explícita nos estudos de Jakobson, em que a passagem do balbucio às primeiras oposições fonológicas atesta o que impõe de restrição ao falante a sua entrada em uma dada língua–, segue com a ideia antropológica de Benveniste segundo a qual a língua dá acesso a um mundo e considera com Humboldt que cada língua encerra/produz uma “visão de mundo”. O conjunto dessas considerações permite defender que falar uma língua dita materna decorre de uma operação que implica a instauração da criança como falante de um mundo. O *infans*, ao passar a falar uma dada língua, passa a existir em um mundo e a dar existência a esse mundo que é, por sua vez, atualizado de modo muito singular em cada enunciação. Enfim, nessa proposta, o que a criança adquire é a possibilidade de enunciar uma visão de mundo. Admitida essa perspectiva, o interesse do linguista estaria, em matéria de aquisição, mais concentrado na relação do homem com as línguas do que com a linguagem: logo, deixar-se-ia de considerar a passagem do *infans* à sua condição de falante como um fenômeno da linguagem para vê-lo como um fenômeno de língua (inclusive no plural) que implica o homem no seu dizer.

3. Exemplo de um esboço de análise

A seguir, exemplifica-se o que foi proposto acima com a etnografia da antropóloga Clarice Cohn (2000a e 2000b), feita a respeito da infância junto ao povo Xikrin, subgrupo Kayapó, de língua Jê, habitante do sudoeste do Pará, Brasil. Antes de passar a isso, é importante fazer alguma consideração metodológica acerca do papel dessa exemplificação –na sua configuração de dados de uma análise de base enunciativa– no presente trabalho.

3.1. Aspectos metodológicos gerais: o dado em estudos enunciativos

Numa divisão didática não relativa aos estudos enunciativos, mas à Neurolinguística, Coudry (1996) distingue três tipos de dados: (i) o dado-evidência, relacionado a uma quantificação que exemplifica uma teoria; (ii) o

¹ Especificamente sobre Sapir e o relativismo, encontrei a apresentação esclarecedora em Cunha (2012).

dado-exemplo, *construído* a partir de hipóteses prévias, a fim de corroborá-las; (iii) o dado-achado, não construído e com a finalidade de servir tanto para fins de exemplos, quanto para suscitar novas hipóteses e análises.

Desses três, apenas o *dado-achado* parece servir mais plenamente aos propósitos de um estudo enunciativo², como o proposto no presente trabalho. Numa análise no âmbito da Linguística da Enunciação (cf. Flores *et al.*, 2009), é do dado que emanam os indicativos de análise, o que parece convir à ideia de *dado-achado*. Assim como o mesmo enunciado pode ser gerado por inúmeras enunciações, únicas e irrepetíveis, o mesmo dado pode gerar inúmeras análises, também singulares, uma vez que sempre passarão pelo filtro de um sujeito. Ou seja, em Enunciação, não só o dado é singular, já que comporta a enunciação, mas também a própria análise é única e dependente do sujeito que a realiza. Dessa forma, em Enunciação, o *dado* não é jamais “dado”. Isso se dá porque uma observação, uma análise, nunca é teoricamente neutra, por já ser o início de uma descrição.

Se se pudesse realizar um ajuste terminológico na proposta de Coudry, tendo em vista o escopo da Enunciação, talvez o melhor termo para nomear o dado nos estudos enunciativos seja *dado-determinante* (cf. Nunes e Flores 2017). Isto é, um dado que determina o foco da análise e os rumos que ela tomará. Nesse sentido, o dado pode ser constituído por várias manifestações de linguagem: gravações, relatos, transcrições, comentários etc.

Segundo Dubois *et al.* (2006) para o verbete *corpus*, em seu *Dicionário de Linguística*:

Estabelece-se a gramática descritiva de uma língua a partir de um conjunto de enunciados: este é submetido à análise e constitui o corpus da pesquisa. É útil distinguir o *corpus* dos termos vizinhos que designam conjuntos de enunciados: o “universo” é o conjunto dos enunciados encerrados em uma dada circunstância, até que o pesquisador tenha decidido se esses enunciados entrarão na totalidade ou em parte na matéria de sua pesquisa. (...) A totalidade dos enunciados recolhidos é o universo. A partir do universo dos enunciados reunidos, por assim dizer, a granel, o linguista seleciona aqueles que vai submeter à análise (...). Só esses segmentos de enunciados é que serão submetidos à análise e que constituirão o *corpus* (Dubois *et al.* 2006: 158).

Em função da generalidade da definição proposta nessa obra lexicográfica, é possível traçar algumas considerações relevantes para o tratamento do dado em enunciação: (a) tal como é proposto, o objeto a servir como dado é o *enunciado*; (b) de acordo com o propósito teórico, o pesquisador pode *selecionar* os dados que julga relevantes para sua análise; (c) se a seleção por parte do pesquisador é realizada com vistas a encontrar dados que suportem uma hipótese prévia, há uma orientação teórica que regula os dados *aprioristicamente*, tornando-os válidos para a pesquisa ou não.

² O tratamento do dado em estudos de natureza enunciativa foi abordado em Flores (2006, 2010 e 2012), Nunes (2007 e 2012) e Nunes e Flores (2017).

Nesse sentido, o dado, numa visão enunciativa, pode ser visto como *um conjunto de fatos, aptos a serem analisados*. É nesse sentido que se pode dizer, conforme Dubois *et al.* (2006), que o pesquisador “decide” que dados pertencerão a seu universo de análise, segundo suas intenções de estudo. O dado é apenas virtual antes da análise: o *fato enunciativo*, verdadeiro constituinte do dado, só emerge como *dado* uma vez que é tomado como objeto de observação.

O aporte teórico enunciativo aqui proposto considera, então, que o *fato enunciativo* seja a matéria linguageira em si que, submetida à observação do analista, é recortada e analisada. Esse recorte é a própria *análise do fato enunciativo*. Em linhas gerais, é esse tratamento que se dá, a seguir, ao relato etnográfico presente em Cohn (2000a e 2000b): ele, como um recorte de um determinado fato enunciativo, é tomado como uma ilustração da reflexão antes apresentada.

3.2. Comentários a propósito de um exemplo

Em uma clara referência à obra de Margaret Mead já no título, *Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá*, Cohn (2000b) elabora um minucioso estudo acerca do desenvolvimento infantil entre os Xikrin, com vistas a uma análise que busca ver como as crianças intervêm em seu próprio processo de desenvolvimento. O trabalho da antropóloga está ligado a uma perspectiva da antropologia contemporânea que busca ver a infância, a partir da concepção de Pessoa, não como um adulto em miniatura, mas como alguém com ativa participação na própria inserção social.

No relato constante no Anexo 1, é possível notar que, no universo linguístico em questão, as relações de interlocução são circundadas pelas participações quase ritualizadas dos adultos, o que instaura uma condição de fala bastante específica. Chama a atenção –e isso conforme a própria antropóloga– a ênfase dada à audição como um sentido importante para o desenvolvimento do conhecimento: “o que, para os Xikrin, define a singularidade da experiência infantil” (Cohn 2000b: 212), segundo Cohn, é “o desenvolvimento da faculdade de compreensão, ligada especialmente ao ouvido, o que torna a pessoa alguém que pode e deve compreender as normas sociais e atuar de modo correspondente a elas, capacitando-a, ainda, a dominar os conhecimentos tidos como relevantes, de um modo que exige sua participação ativa” (Cohn 2000b: 212).

Consideradas as características da relação interlocutiva com as crianças entre os Xikrin e todo o contexto que a cerca –sumariamente retomado a partir do trabalho de Cohn–, torna-se evidente que falar essa língua implica falar esse mundo. Considere-se a esse respeito o que diz a antropóloga, em trabalho anterior (cf. Anexo 2), sobre o período inicial da aquisição da língua pela criança Xikrin:

Os dados apresentados nos Anexos 1 e 2 são, enfim, ilustrativos da ideia de que, ao passar de *infans* a falante, a criança adquire, via língua, uma visão de mundo.

O lugar que a criança ocupa na organização enunciativa do povo Xikrin é determinante da compreensão que ela tem de si e do outro e de ambos em relação ao que a cerca.

Em uma análise sumária da etnografia de Cohn, do ponto de vista aqui proposto, é possível ver que não estão em jogo, nessas interações, universais da linguagem, mas universos das línguas. No caso do povo Xikrin, não há como não perceber, de um lado, a presença concomitante de gerações –pais e avós– que têm o papel de introduzir a criança no universo Xikrin (“conversações forjadas”, “orgulho em ser *Okre*” etc.); de outro lado, a sobreposição da sincronia com a diacronia (o falar dos avós que “não são simples fórmulas voltadas ao público infantil” e o aspecto *kaben kokre* da criança). Há diversas gerações em presença da criança, o que destaca o papel que uma certa visão do tempo assume na aquisição de uma língua.

A realidade das interações registradas pela antropóloga permite ver que a língua kayapó, falada pelos Xikrin, embora unificada no tronco Jê, traça do mundo um mapa diferente e isso se evidencia na construção de um lugar enunciativo de fala para a criança Xikrin. Nesse sentido, pode-se dizer que a aquisição de uma língua pelo homem continua agindo na vida toda desse homem, o que a torna extensível ao exercício todo da língua.

4. Considerações finais

Em termos de conclusões, este estudo permite fazer as seguintes considerações:

- a) Ao partir da fenomenologia da fala da criança, com apoio nos estudos jakobsoniano acerca da passagem do balbúcio à aquisição do sistema fonológico de uma língua (relidos pelo viés de Heller-Roazen), é possível considerar que a aquisição de uma língua impõe restrições ao falante, que são extensíveis ao conjunto da língua.
- b) A abordagem benvenistiana, ao destacar a importância do “mundo” de uma língua na aquisição desta pela criança, encaminha uma reflexão de natureza antropológica acerca da língua.
- c) Com apoio na concepção humboldtiana de “visão de mundo” propõe-se o deslocamento da ideia de aquisição de linguagem para aquisição de língua como forma de enfatizar que as restrições decorrentes da aquisição de uma língua específica é que determinam a condição de falante de uma língua considerada materna.
- d) O exemplo apresentado a partir da etnografia de Cohn (2000a e 2000b) é ilustrativo da ideia de que adquirir uma língua é adquirir uma certa visão de mundo mesmo que existam fatos estruturais que se repitam em qualquer interação (estrutura enunciativa, transmissão geracional, relações entre adultos e crianças, etc.).

Enfim, o presente estudo intenta ter demonstrado, em linhas iniciais, o quanto o homem pode ser, estudado, na sua condição de falante, numa teoria antropológica da enunciação, na qual estaria em jogo o saber que advém desse homem pelo fato de ele enunciar. Esta proposta embrionária se coaduna com perspectivas que visam substituir a unificação universal do homem no geral –tão defendida pelas teorias dos universais da linguagem– pela unificação do homem no particular, na possibilidade de que venha enunciar no universo de uma língua.

Referências Bibliográficas

- Benveniste, Émile. 1988. Categorias de pensamento e categorias de língua, em E. Benveniste, *Problemas de linguística geral I*, Pontes, Campinas: 68-80.
- Benveniste, Émile. 1989. Estruturalismo em linguística, em E. Benveniste, *Problemas de linguística geral II*, Pontes, Campinas: 11-28.
- Brum-de-Paula, Miriam e Giovana Ferreira-Gonçalves. 2008. Léxico e gramática: uma relação de causa e efeito?, *Letras de Hoje*, 43: 69-80.
- Chabrolle-Cerretini, Anne-Marie. 2007. *La vision du monde de Wilhelm von Humboldt. Histoire d'un concept linguistique*, ENS Éditions, Lyon.
- Cohn, Clarisse. 2000a. *A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado*, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo. Inédita.
- Cohn, Clarisse. 2000b. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá, *Revista de Antropologia*, 43: 195-222. [em linha] Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012000000200009>.
- Coudry, Maria Irma Hadler. 1996. O que é o dado em neurolinguísticos?, em M. F. Pereira de Castro (org.), *O método e o dado no estudo da linguagem*, Editora da Unicamp, Campinas.
- Cunha, Adan Phelipe. 2012. *A emergência da hipótese do relativismo linguístico em Edward Sapir (1884-1939)*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo. Inédita.
- Dubois, Jean, Mathée Giacomo, Luis Guespin, Christiane Marcellesi, Jean-Baptiste Marcellesi e Jean-Pierre Mével. 2006. *Dicionário de Linguística*, Cultrix, São Paulo.
- Everett, Daniel. 2012. *Language: the Cultural Tool*, Pantheon Books, Nova York.
- Flores, Valdir do Nascimento, Leci Borges Barbisan, Maria José Bocorny Finatto e Marlene Teixeira (orgs.). 2009. *Dicionário de Linguística da Enunciação*, Contexto, São Paulo.
- Flores, Valdir do Nascimento. 2006. Entre o Dizer e o Mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação, *Organon*, 40/41: 61-75.
- Flores, Valdir do Nascimento. 2010. O lugar metodológico da análise da enunciação em relação aos níveis da análise linguística, em Elisa Battisti e G. Collischonn (orgs.), *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*, Palotti, Porto Alegre: 45-58.

- Flores, Valdir do Nascimento. 2012. Fato, nível da análise linguística e transcrição: três operadores da análise enunciativa, em Vilson Leffa e Aracy Ernst (orgs.), *Linguagens. Metodologias de ensino e pesquisa*, EDUCAT, Pelotas: 150-164.
- Heller-Roazen, Daniel. 2010. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*, Editora da Unicamp, Campinas.
- Humboldt, Wilhelm von. [1820] 2000. *Sur le caractère national des langues et autres écrits sur le langage*. (Présenté, traduit et commenté par Denis Thouard), Ed. Du Seuil, Paris.
- Jakobson, Roman. 1969. *Langage enfantin, aphasie et lois générales de la structure phonique*, em R. Jakobson, *Le langage enfantin et l'aphasie*, Les Éditions de Minuit, Paris: 13-101.
- Jakobson, Roman. 1972. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague/Paris, Mouton.
- Martinet, André. 1978. *Elementos de linguística geral*, Martins Fontes, São Paulo.
- Meschonnic, Henri. 1995. Penser Humboldt aujourd'hui, em H. Meschonnic. *La pensée dans la langue. Humboldt et après*, PUV, Saint-Denis.
- Moura, Heronides e Morgana Cambrussi. 2018. *Uma breve história da linguística*, Vozes, Petrópolis.
- Nunes, Paula Ávila. 2007. *Aspectos enunciativos da construção de um banco de dados de distúrbios de linguagem*, Apresentação no XIX Salão de Iniciação Científica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre.
- Nunes, Paula Ávila. 2012. *A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Inédita.
- Nunes, Paula Ávila e Valdir do Nascimento Flores. 2017. O trabalho com dado e banco de dados: considerações por meio de uma teoria enunciativa da linguagem, *Letras de Hoje*, 52(3): 401-409.
- Pinker, Steven. 2002. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*, Martins Fontes, São Paulo.
- Scarpa, Ester. 2005. Marcado vs. não-marcado na aquisição e na afasia, *Estudos Linguísticos*, XXXIV: 839-844.
- Silva, Carmen Luci da Costa. 2007. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. [em linha] Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/10407>
- Steiner, George. 2002. *Depois de Babel: aspectos da linguagem e tradução*, Relógio D'água, Lisboa.
- Thouard, Denis. 2016. *Et toute langue est étrangère. Le projet de Humboldt*. Éditions Les Belles Lettres, Paris.
- Trabant, Jürgen. 1992. *Humboldt ou le sens du langage*, Mardaga, Liège.

Anexo 1

As habilidades expressivas das crianças são todas bastante encorajadas, fonte de comentários e orgulho.

Os adultos gostam de ver crianças respondendo a um canto com passos de dança, e as mulheres gostam de colocar seus bebês próximos uns aos outros, encorajando sua interação. Tendo em vista o risco de perda do *karon* [alma] de um recém-nascido, as pessoas devem falar com ele quando está chorando, e essa necessidade de manter uma comunicação com ele pode ser entendida como um esforço de manter sua ligação com o mundo dos vivos e do social. Estando maiores e começando a falar, os adultos costumam forjar conversações com as crianças. [...] essas conversas “forjadas” com as crianças não são simples fórmulas voltadas ao público infantil, e nem mesmo baby-talk. Assim os adultos não realizam, nesses casos (embora o façam frequentemente), adaptações à habilidade comunicativa das crianças, tentando entender o que elas querem dizer e tornar sua fala compreensível, mas simulam uma situação de interação corriqueira entre as pessoas.

Essas conversas envolvem sempre, além da criança, no mínimo mais duas pessoas mais velhas, normalmente adultas. Elas versam sobre assuntos discutidos no cotidiano, como por exemplo atividades produtivas e relações entre as pessoas. Um dos adultos faz perguntas à criança, que são respondidas pelo outro como se fosse a endereçada, esperando-se que ela repita as respostas e dê continuidade à comunicação. Assim, utiliza-se termos tais como eles aparecem nos diálogos entre adultos, e versa-se sobre assuntos que não são eminentemente do universo infantil. Com frequência, essas conversas são provocativas e jocosas, e as crianças são encorajadas e estimuladas a responder a essas provocações, normalmente com mais provocações. Simultaneamente, a criança aprende a se expressar e comunicar e atualiza relações sociais (Cohn 2000b: 209-210).

Anexo 2

As crianças então começam a andar, momento que [...] é fortemente marcado pela pintura corporal, e a falar.

No início, as crianças falam mal, de um modo pouco compreensível (*kaben kokre*) [em que *kaben* = falar e *kokre* = confuso], mas são sempre instigadas a falar mais pelos adultos, que forjam conversas ou cantam com elas. A criança então deixa de ser um bebê e passa a ser “criança”, *meprire* (no singular *prin*), independente do sexo. Os pais têm orgulho de seus filhos quando eles se mostram voluntariosos ou ‘brabos’, como glosam o termo *okrê*. É *okrê* uma criança que responde, emite opiniões, e reage quando provocada. É comum que pais e avós a provoquem, divertindo-se e orgulhando-se com sua reação (Cohn 2000a: 89-90).

[...] os pais e avós são sempre muito atentos à natureza própria das crianças, que não se tenta mudar: um grupo de irmãos é diferenciado, pelos pais ou avós orgulhosos, quanto à personalidade de cada um, sendo uns “bravos”, [...], outros mais tranquilos (referidos pela negativa, *okre kêt*, não bravos), e outros curiosos e espertos [...] (Cohn 2000a: 90).

Valdir do Nascimento Flores é o único responsável pela elaboração completa desta pesquisa.